



Análise de Propagandas de Anticoncepcionais no Brasil ⁽¹⁾

Luciana Moraes Furtado ⁽²⁾

Thuany Schmitz Curt ⁽³⁾

Elza Aparecida de Oliveira Filha ⁽⁴⁾

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo

Este artigo apresenta um breve histórico da pílula anticoncepcional, a polêmica e as dúvidas que traz consigo, a falta de informação de muitas usuárias não somente a respeito da pílula, mas também sobre sua saúde. É apresentado o resultado de uma pesquisa realizada pelas autoras referente ao uso da mesma, que contou com 863 respostas de mulheres entre 15 e 55 anos. A partir dos dados coletados, exploramos os motivos pelos quais o uso é iniciado ou interrompido, revelando que a porcentagem de não usuárias é alta devido ao medo dos efeitos colaterais, o que nos faz questionar o modo com que a informação está sendo transmitida. Por fim, é discutido o papel da mídia na divulgação da informação sobre o medicamento.

Palavras-chave

Anticoncepcional; mídia; saúde reprodutiva; publicidade; informação.

Histórico

No papiro de Edwin Smith (De Marco, 2012, p.34) notamos que desde o Egito Antigo já havia uma busca por métodos contraceptivos, referidos como *coitus interruptus* na Bíblia e no Alcorão, e indícios de que as mulheres egípcias criaram uma espécie de supositório com propriedades espermicidas, composto de algodão, tâmara, mel e acácia – quando fermentada, a acácia age como espermicida. Desde então a ciência vem trabalhando para desenvolver métodos mais eficientes e menos prejudiciais à saúde.

1. Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

2. Estudante de graduação do 3º semestre do curso de Bacharelado em Comunicação Organizacional. E-mail: lu.mfurtado@gmail.com

3. Estudante de graduação do 3º semestre do curso de Bacharelado em Comunicação Organizacional. E-mail: thuschmitz@gmail.com

4. Orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Email: elzafilha@utfpr.edu.br



Em 1957, nos EUA, a primeira pílula contraceptiva, Enovid-R, é aprovada, mas somente para casos de severas desordens menstruais, e em 60 é aprovada como método contraceptivo, tendo uma aceitação enorme por parte das americanas, apesar de ser condenada pela Igreja Católica e ser ilegal em 8 estados.

A pílula representou a libertação sexual da mulher. Ela não era mais dependente do homem e o sexo não era mais somente para fins reprodutivos. O uso se intensificou principalmente devido ao movimento hippie, movimentos estudantis e o crescente feminismo.

Já na década seguinte os efeitos colaterais e estudos sobre os potenciais riscos à saúde começaram a surgir, pois quando foi lançada a primeira pílula seus níveis de hormônio eram altíssimos e chegou a ser tirada do mercado. As farmacêuticas responsáveis sofreram diversos processos legais referentes a ataques cardíacos, derrames, perda de libido, depressão, entre outros, devido ao uso contínuo da pílula e assim as vendas e a credibilidade no produto decaíram. No final da década de 80 surge a segunda geração da pílula anticoncepcional, com menores quantidades de hormônio e mesma eficácia, e por fim, nos anos 90 é lançada a terceira geração, que inclusive ajudava no tratamento de acne ou na prevenção ao câncer de útero, por exemplo.

Saúde reprodutiva

Enquanto o assunto gera muita discussão, surge um novo conceito de saúde sexual, que define-se:

A Saúde Reprodutiva é o completo bem-estar físico, mental e social e não a mera ausência de doença ou enfermidade, em todas as questões relacionadas com o sistema reprodutivo e suas funções e processos. Assim, saúde reprodutiva sugere que as pessoas são capazes de viver uma vida sexual satisfatória e segura e que possuem a capacidade de reproduzir e a liberdade para decidir se, quando e com que frequência fazê-lo. Implícito nesta última condição está o direito de homens e mulheres a estarem informados e terem acesso a métodos anticoncepcionais seguros, eficazes, econômicos e aceitáveis da sua escolha para a regulação da fertilidade, que não sejam ilegais, bem como o direito de acesso a serviços e cuidados de saúde adequados que possibilitem as mulheres uma gravidez e partos seguros



e que providenciem aos casais a melhor possibilidade de terem uma criança saudável. (CIPD, 1994: parágrafo 7.2)

Um dos estudos acerca desta nova definição e sua relação com as discussões sobre sexualidade é o da Mestra em História Social Valderiza Almeida Menezes (2011). No artigo denominado “*A mulher e a saúde nas propagandas de contraceptivos (1965 – 1970)*”, a autora discorre sobre a definição de saúde reprodutiva e defende que “nesse sentido, torna-se de fundamental importância a utilização de técnicas contraceptivas eficazes que garantam a segurança e o maior conforto dos casais, palavras bastante utilizadas nas propagandas de anovulatórios que iremos apresentar neste trabalho” (Menezes, 2011, p.2). Ela estudou uma série de propagandas de “anovulatórios”, nome dado às pílulas anticoncepcionais nos anúncios nas décadas de 1960 e 1970 devido às leis que proibiam “anunciar processo, substância ou objeto destinado a provocar aborto ou evitar gravidez” (Menezes, 2011, p.2). Tais propagandas foram veiculadas nos Anais Brasileiros de Ginecologia, financiados pelos laboratórios farmacêuticos fabricantes. Mais tarde, Menezes (2011) ressalta que as propagandas estudadas eram destinadas aos médicos, que consultam e prescrevem as pílulas, e não às mulheres, que consomem e, portanto, não fazem parte do nosso foco de discussão, que é estabelecer a pílula como alternativa de contracepção.

Mesmo em plena era da tecnologia e da informação o assunto “saúde reprodutiva” não é bem discutido nas famílias ou nas escolas e autores como Boruchovitch (1992) e Vieira (2006) apontam exatamente isso em seus estudos.

Segundo Guimarães et al.,¹² a escola não tem representado para os adolescentes fonte de informação expressiva sobre anticoncepcionais. Quanto à importância de conhecimento sobre sexualidade, Moreira¹³ destaca a necessidade de criação de programas de atualização, informação para profissionais e pacientes ressaltando que, para escolares o processo deve ser iniciado já no ensino fundamental. (VIEIRA, 2006, p.136).

Em 92, Buruchovitch apontou diversas pesquisas que mostravam como o adolescente possui pouco conhecimento sobre sua saúde sexual e a importância dos métodos de prevenção e de contracepção, mas também como é do desejo do adolescente ter mais informação, por meio de discussões em grupo, com pessoas qualificadas, do mesmo sexo



e preferencialmente de fora da instituição de ensino. A mesma recomendação aparece nos estudos de Vieira (2006, p.139) quando conclui que é “necessária a implementação de estratégias que permitam os jovens desse grupo etário conscientizar-se sobre a importância que envolve sua saúde sexual e reprodutiva e dialogar, sem juízo de valor, sobre suas dúvidas e vivências”.

Como indica a pesquisa de Burochovitch (1992, p.438), muitos adolescentes acreditam que o uso de anticoncepcionais não é condizente com a frequência de seus atos sexuais ou até mesmo que isso tira a naturalidade do ato, tornando-o algo pré-planejado. Assim, muitas vezes sua primeira relação ocorre de forma desprotegida, expondo o jovem à DSTs e uma possível gravidez indesejada.

Vale ressaltar que, tratar a pílula anticoncepcional no âmbito da saúde, não significa colocar a gravidez como uma enfermidade. Contudo, se analisarmos o conceito de saúde reprodutiva em gênese na época de nossa pesquisa e já exposto aqui, perceberemos que ele considera além do bem-estar físico e mental, o social e é certo que uma gravidez indesejada pode trazer desconforto para essas três esferas. (MENEZES, 2011, p.4).

Como pode-se observar adiante em nossa pesquisa, a falta de informação também afeta o uso de anticoncepcionais pois muitas usuárias não conhecem bem o funcionamento da pílula e é muito comum que se faça uso indevido, como tomar fora do horário, fazer pausas maiores entre uma cartela e outra do que o recomendado, afetando assim a eficácia do produto e também colocando em risco sua saúde.

A questão traz consequências que entram no âmbito de saúde pública. Antes de desenvolver estudos sobre as propagandas de anticoncepcionais nos Anais Brasileiros de Ginecologia, Menezes já havia discorrido sobre o assunto em 2010.

O tema aqui discutido relaciona-se com os direitos sobre o corpo. Desde a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento das Nações Unidas ocorrida no Cairo em 1994, o termo “direitos reprodutivos” foi consagrado como o direito de decidir livremente sobre a quantidade de filhos, o momento de tê-los e a garantia de dispor de informações e meios para alcançar esses objetivos. Entretanto, esse direito ainda não abrange toda a sociedade brasileira e o número de

mulheres que morrem por ano em decorrência de abortos feitos em condições insuficientes de higiene é altíssimo. (MENEZES, 2010, p.1).

É importante ressaltar também que o uso das pílulas anticoncepcionais não está atrelado somente à prevenção de gravidez, pois uma grande parte das mulheres inicia seu uso para ter um controle maior sobre seu ciclo/fluxo menstrual.

Perfil da usuária

A fim de termos uma ideia do atual perfil da usuária da pílula anticoncepcional, elaboramos um questionário de 12 perguntas sobre vários aspectos relacionados ao uso do anticoncepcional. Inicialmente cada uma das autoras publicou a pesquisa em seus perfis do Facebook, resultando em um número não satisfatório de respostas.

Solicitamos, então, que o formulário fosse publicado na página do *Spotted UTFPR – Curitiba* (destinada a flertes e avisos gerais entre os estudantes da instituição) e também no grupo *ENTUSIASTAS da Social Media*, ambos também no Facebook. A publicação neste último grupo gerou muitos comentários positivos em relação ao nosso trabalho e algumas centenas de respostas. A pesquisa contou com 863 respostas de mulheres entre 15 e 55 anos. O resultado foi o seguinte:

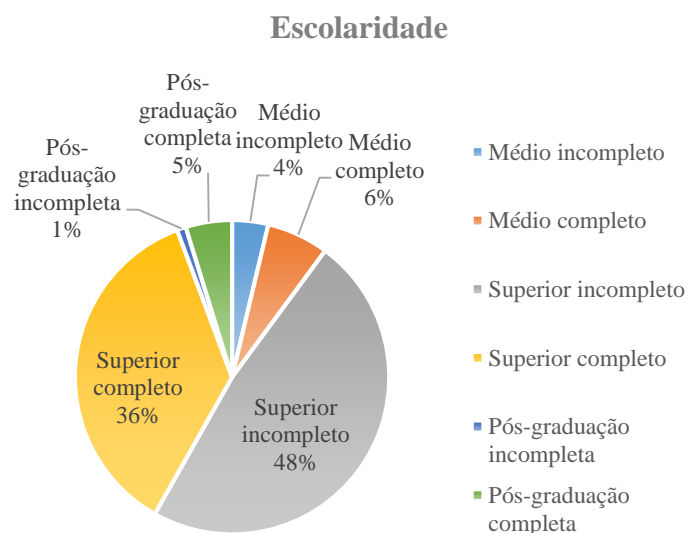


Figura 1. Fonte: pesquisa própria das autoras

O nível de escolaridade das entrevistadas é alto (36% tem nível superior completo e 48% tem superior incompleto ou cursando, seguido de 5% de entrevistadas pós-graduadas).

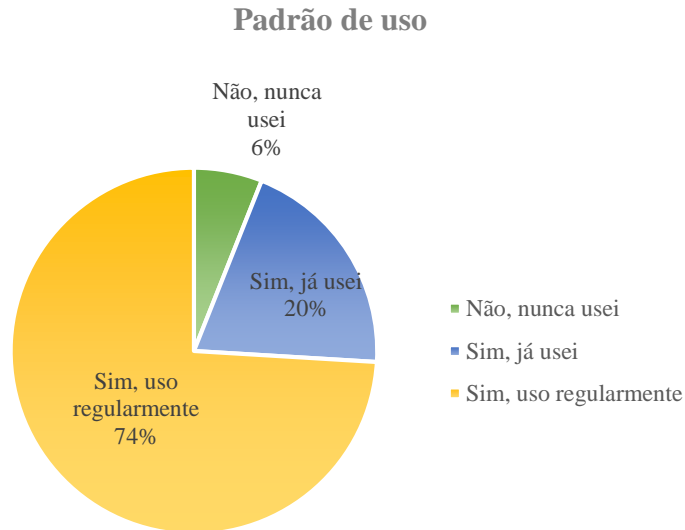


Figura 2. Fonte: pesquisa própria das autoras

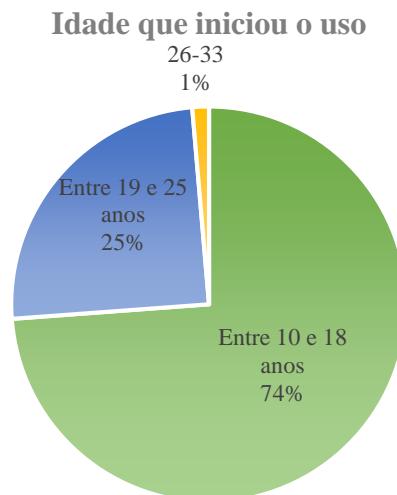


Figura 3. Fonte: pesquisa própria das autoras

Percebemos que a grande maioria das entrevistadas faz (74%) ou fez (20%) uso regular da pílula anticoncepcional, tendo iniciado o uso ainda durante a adolescência (74%) ou no início da vida adulta (25%). Os fatores mais citados como motivadores do uso foram controle de ciclo/ fluxo menstrual, seguido de prevenção à gravidez, acne e problemas de

pele, ovários policísticos e fortes sintomas da TPM, como cólicas e descontrole hormonal. Outros fatores como enxaqueca e problemas genéticos também foram citados:

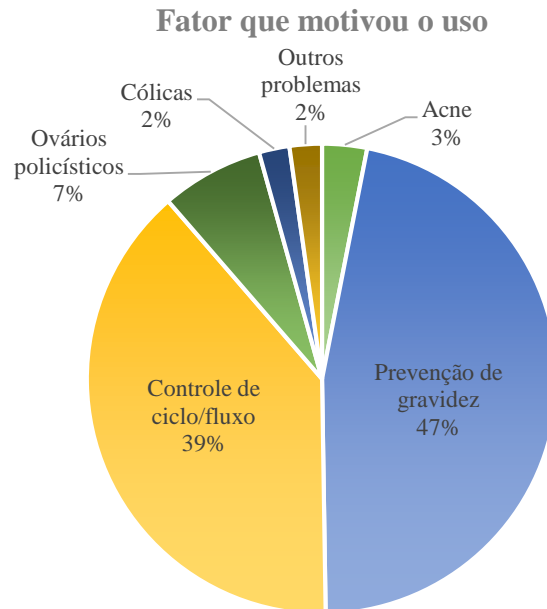


Figura 4. Fonte: pesquisa própria das autoras

8% das entrevistadas não usam e nunca usaram a pílula anticoncepcional. Mesmo assim, destas, 61% afirma que não faz uso pois teme os efeitos colaterais.

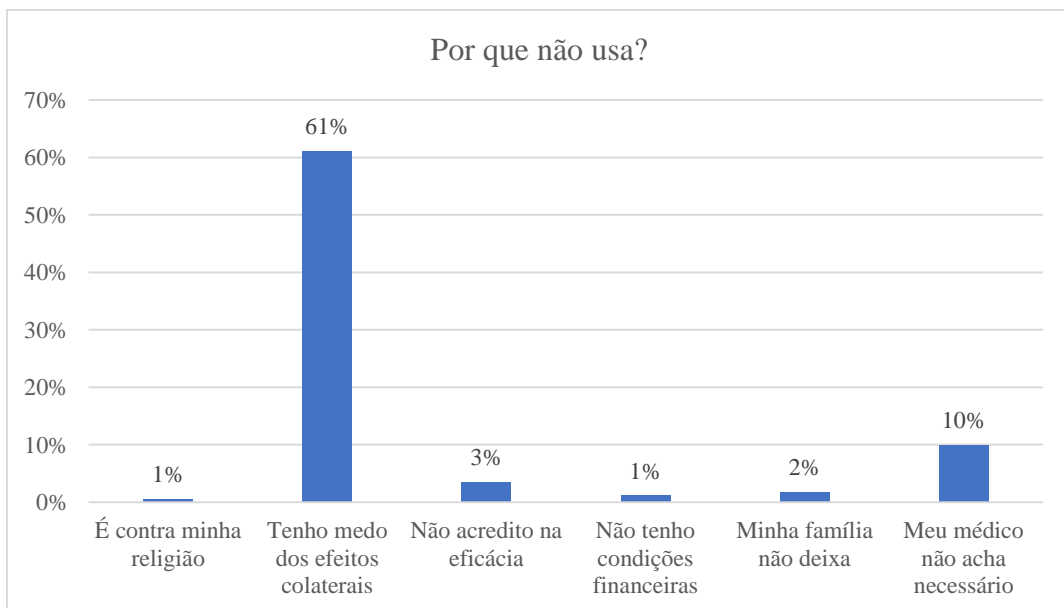


Figura 5. Fonte: pesquisa própria das autoras

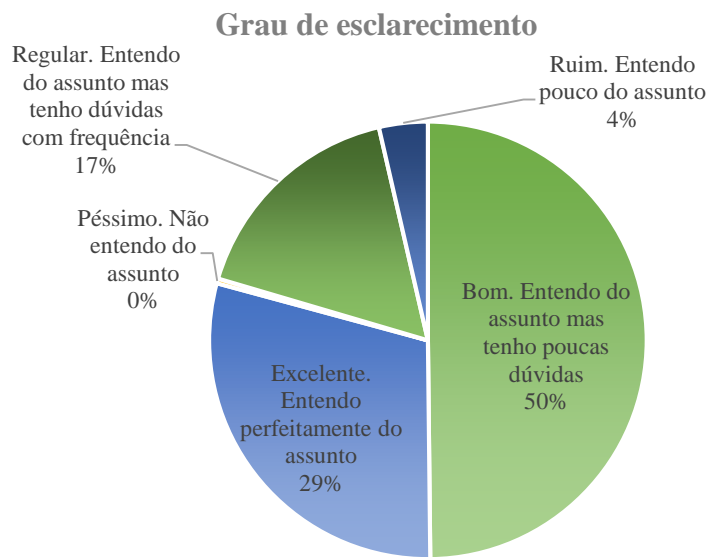


Figura 6. Fonte: pesquisa própria das autoras

No gráfico acima podemos notar que 79% das entrevistadas julgam ter um nível bom ou excelente de esclarecimento acerca das pílulas anticoncepcionais. 17% afirma que tem dúvidas com frequência e 4% alega não entender do assunto.

Qual foi o primeiro contato com a pílula anticoncepcional

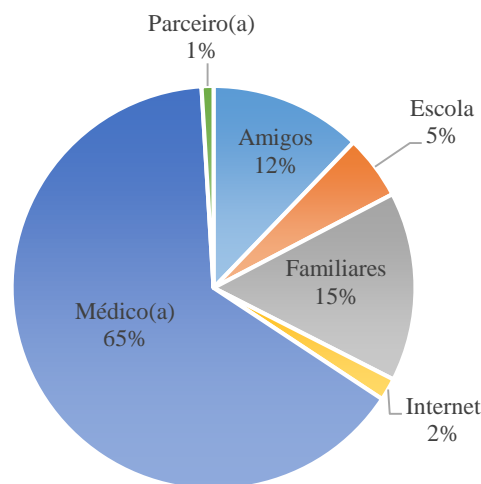


Figura 7. Fonte: pesquisa própria das autoras

Um dado importante é que o primeiro contato com a pílula anticoncepcional se dá através do médico na maioria (65%) das vezes. O ideal é que este contato seja feito por intermediação do médico em 100% das vezes. Porém, 15% das entrevistadas afirmam ter



tido o primeiro contato através da família e 12% através de amigos. Outras entrevistadas afirmam ter tido na escola, internet ou parceiro. Há a preocupação com o grau de esclarecimento que o assunto é tratado fora do consultório e longe do auxílio do médico pois, uma vez que cada organismo responde de uma forma diferente a um medicamento, somente um especialista pode recomendar a pílula correta para cada mulher.

Do total de entrevistadas, 74% afirma que segue corretamente as instruções de uso da pílula anticoncepcional, enquanto 25% não segue.

Efeitos colaterais

A preocupação com os efeitos colaterais é geral. Durante nossa pesquisa nos deparamos com discussões pelas quais não esperávamos. Os efeitos colaterais foram muito comentados pelas entrevistadas, que compartilharam vários casos de mulheres que tiveram sérios danos à saúde devido ao uso da pílula anticoncepcional.

Um deles é o caso de Luciana Scotti. Ela sofreu um AVC aos 22 anos, que a deixou tetraplégica e muda. Atualmente, 21 anos depois, mexe apenas o dedo médio da mão esquerda. O acidente foi causado devido ao uso da pílula anticoncepcional combinado ao tabagismo de Luciana na época. Ela contou mais na reportagem *EuLeitora* para o site da revista *Marie Claire*, em 09 de julho de 2013:

Inconscientemente, eu dava adeus aos meus longos cabelos alourados, aos meus passos, à minha voz (que nunca mais ninguém ouvirá), aos movimentos, às danças nas festas e a mais um milhão de coisas. Fui transferida de ambulância para um hospital particular. Apenas meu pai me auxiliava, com um balão de oxigênio. Era difícil de respirar. [...] A combinação do cigarro com anticoncepcional aumenta muito o risco de a mulher sofrer um AVC e eu e minha ginecologista deveríamos ter percebido isso. Alguns especialistas me disseram que a pílula foi 100% responsável pela trombose que levou ao rompimento de uma das veias do meu cérebro. (SCOTTI, 2013)

Nossas pesquisas apontam que existem meninas e mulheres que tiveram contato com a pílula anticoncepcional através de amigos e familiares e que não usam corretamente o medicamento. É também para estas mulheres que nossa atenção está voltada neste estudo. Tentamos imaginar um cenário em que a mulher tem total noção dos seus direitos



reprodutivos e total conhecimento daquilo que ingere afim de prevenir uma possível gravidez. 47% das entrevistadas acreditam que o uso do anticoncepcional é de responsabilidade apenas da mulher, o que denota a importância de maior clareza nas informações sobre o assunto. As recomendações da Organização Mundial de Saúde para o uso seguro de pílula anticoncepcional nem sempre são seguidas por usuárias e médicos, o que acarreta danos gravíssimos à saúde das mulheres usuárias da pílula.

Ao realizarmos este trabalho não estava em nossos planos abordar os aspectos negativos da pílula, como seus efeitos colaterais, mas devido às respostas coletadas e às várias sugestões optamos por incluir algumas das críticas e os receios mais comuns de nossas entrevistadas. As reclamações mais comuns são relacionadas à dor de cabeça e nas pernas e alguns casos de trombose. Esses efeitos variam muito de mulher para mulher e por isso é tão importante conversar com um médico antes de começar a tomar a pílula. Segundo os médicos ginecologistas entrevistados no programa *Bem Estar*, José Bento e Helizabet Salomão, existem diversos tipos de pílulas e cada mulher se adapta melhor à um tipo e algumas são aconselhadas a não usar, por conta de outras complicações de saúde, se fumam ou se têm histórico de problemas cardíacos, por exemplo.

A internet está cheia de casos de mulheres que tiveram sérias complicações devido ao uso da pílula, como o da canadense Miranda Scott (18), que morreu com vários coágulos intravasculares espalhados pelo corpo, ou da brasileira Kamaia Medrado (22), que sofreu um AVC. Ao mesmo tempo que esse medicamento ajuda na prevenção de problemas como endometriose ou câncer de ovário pode acabar prejudicando a saúde em outros aspectos, principalmente se for sem acompanhamento médico.

Ao mesmo tempo há entrevistadas que defendem o uso da pílula e seus benefícios: “Graças ao anticoncepcional saí de uma situação grave e delicada situação de saúde”. Fica clara a ambiguidade gerada pelo assunto, o que nos faz questionar a eficácia com que a informação está sendo transmitida.

Propagando informação

Sabe-se que antes havia uma lei que proibia a veiculação de qualquer propaganda de anticoncepcionais, como Richers (1975, p.8) expõe em seu artigo: “A legislação brasileira



é bastante rígida com respeito à produção de AOs. Estes só podem ser oferecidos ao mercado como anovulatórios, sendo inclusive proibida qualquer promoção ou propaganda a seu respeito”. O autor afirma isso com base no Decreto-Lei 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais) que, em seu capítulo I, artigo 20, proibia: “anunciar processo, substância ou objeto destinado a provocar aborto ou evitar gravidez”.

Hoje, porém, não há nenhuma lei que proíba esse tipo de propaganda e mesmo assim não vemos iniciativas das próprias indústrias farmacêuticas ou do governo em divulgar os produtos disponíveis no Brasil.

Vende-se a ideia de que, além dos problemas de saúde a pílula ainda causaria problemas estéticos para a mulher, prejudicando sua beleza e sua sensualidade. Além disso, poderia tornar-se uma mulher frígida. Todos esses efeitos poderiam, de alguma forma, vir a comprometer seu relacionamento. Os anticoncepcionais não aparecem como substâncias totalmente inócuas e os profissionais da medicina sempre salientam a importância do médico para indicar a pílula ideal para cada mulher. (MENEZES, 2010, p. 5).

Outra possibilidade que está sendo estudada é a de existir um contraceptivo para homens. O Instituto de Pesquisa para o Planejamento Familiar em Pequim desenvolveu uma versão injetável que inibiria a produção de espermatozoides, mas ainda está em fase de testes. Uma alternativa menos radical do que a vasectomia.

Durante o desenvolvimento deste artigo nos deparamos com vários pontos de vista acerca do assunto. O tema gerou muita discussão entre as entrevistadas. Algumas exteriorizaram suas opiniões sobre o tema e contaram experiências próprias: “Acho super legal e válido propagar a informação. Mas fazer isso de forma que trabalhe a consciência da mulher”, “Já eu vi a propaganda como algo que pode ser usado para esclarecer”, “Precisa ser feito de forma explícita e profunda”.

Com o intuito de explicar o que propomos em nosso trabalho, usaremos o conceito de publicidade do autor espanhol Niceto Blásquez, exposto em seu livro “*Ética e meios de comunicação*”:

A publicidade informa sobre muitos produtos, o que facilita a liberdade de escolha por parte do consumidor [...]. Ela também favorece o desenvolvimento e bem estar da comunidade [...]. A publicidade não pode ser



condenada enquanto se leve a cabo como um serviço especial de informação objetiva e respeitosa com a liberdade pessoal dos consumidores. (BLÁSQUEZ, 1999, p. 596)

Ainda que Blásquez acredite que a publicidade tem fins lucrativos, ele mesmo reconhece sua utilidade como meio de comunicação quando questiona “como dar a conhecer o público a existência de produtos úteis e até necessários sem se fazer publicidade deles?” (BLÁSQUEZ, 1999, p. 577). É exatamente neste sentido que nos referimos ao propor uma peça publicitária que mostre a pílula como uma alternativa para a mulher e ao mesmo tempo incite-a a procurar um médico e buscar melhor entendimento sobre sua saúde sexual.

Outro aspecto da publicidade, segundo Blásquez é que esta deve ser objetiva e verdadeira (BLÁSQUEZ, 1999, p. 600). Então nossa proposta deverá também apontar todos os possíveis riscos.

Considerações finais

A mídia tem um grande papel como veiculadora de informação e conhecimento. Blásquez explica que “supõe-se que o conteúdo da mensagem publicitária seja um bem social que satisfaça necessidades humanas básicas” (BLÁSQUEZ, 1999, p. 578). Com base nos estudos de outros autores e na pesquisa realizada para este artigo, acreditamos que seria muito benéfico se houvesse uma mobilização do governo ou das indústrias farmacêuticas, desde que sem a exposição de marcas, ou nomes de produtos, em desenvolver peças publicitárias que estimulassem a busca pelo conhecimento a respeito dos métodos contraceptivos, deixando claro para a usuária de que há outras opções além do preservativo. Reconhecemos também que a pílula anticoncepcional não protege de DSTs e que uma consulta ao ginecologista é essencial.

Enquanto o assunto gera discussão, as mulheres procuram cada vez mais por métodos contraceptivos. Em tempos em que o assunto planejamento familiar entra em pauta, é extremamente contraditório que exista tanta dificuldade para divulgar informações tão importantes para um público que busca cada vez mais se afastar do rótulo de mãe.

Quando perguntamos às nossas entrevistadas se, na opinião delas, deveriam existir peças publicitárias informativas sobre a pílula anticoncepcional, obtivemos a seguinte resposta:

Em sua opinião, deveria haver publicidade de cunho informativo de anticoncepcionais?

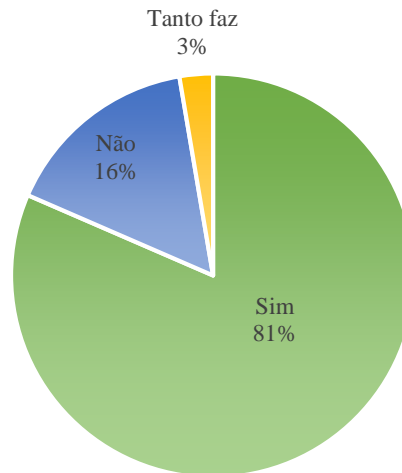


Figura 11. Fonte: pesquisa própria das autoras

81% das nossas entrevistadas defendem a criação e veiculação de publicidade de cunho informativo sobre o anticoncepcional. Até mesmo aquelas que consideram o nível de conhecimento bom ou excelente, defendem a circulação de tal publicidade.

Longe da relação entre médicos e laboratórios citada por Menezes (2011), o ideal de propaganda de anticoncepcional proposto por nós não relaciona nomes de medicamentos ou laboratórios. Mas sim faz menção clara e direta à importância de a mulher conhecer os direitos que tem de planejar a própria família e de ter acesso a todo e qualquer método contraceptivo, desde que devidamente acompanhada de um médico comprometido e ciente das condições de saúde da paciente. Essa é uma questão que deve ser abordada em todas as idades, com naturalidade e sempre reforçando o direito da mulher de procurar um médico e buscar informações sobre a pílula.

Referências bibliográficas

ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1960 – Começa a ser vendida a primeira pílula anticoncepcional.** Site Opera Mundi. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/28670/hoje+na+historia+1960+%96+comeca+a+ser+vendida+a+primeira+pilula+anticoncepcional+.shtml>

ANVISA. **Resolução-rdc nº 96, de 17 de dezembro de 2008.** Site da Anvisa. Disponível em:



http://www.anvisa.gov.br/propaganda/rdc/rdc_96_2008_consolidada.pdf

BLAZQUEZ, Niceto. **Ética e meios de comunicação** (Trad. Rodrigo Cotreras). Paulina, 1999.

BORUCHOVITCH, Evely. **Fatores associados à não-utilização de anticoncepcionais na adolescência**. Rev Saúde Pública, v. 26, n. 6, p. 437-43, 1992.

CIPD 1994, parágrafo 7.2 In: COSTA, Ney Francisco Pinto. (org.). **BEMFAM: 40 anos de história e movimento no contexto da saúde sexual e reprodutiva**. Rio de Janeiro: BEMFAM, 2005

DE MARCO, Mario Alfredo et al. **Psicologia médica: abordagem integral do processo saúde-doença**. Artmed, 2012.

FACEBOOK. **Grupo Entusiastas da SOCIAL MEDIA**. Comentários da postagem de 15 de abril de 2015.

G1. **Ginecologistas tiram dúvidas sobre métodos anticoncepcionais**. Site do G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2014/05/ginecologistas-tiram-duvidas-sobre-os-tipos-de-metodos-anticoncepcionais.html>

MENEZES, Valderiza Almeida. **Discursos sobre contracepção: disputas pelo corpo (fortaleza-ceará, 1960-1980)**. Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278281861_ARQUIVO_TrabalhoCompletoValderizaAMenezes.pdf

MENEZES, Valderiza Almeida. **A mulher e a saúde nas propagandas de contraceptivos (1965-1970)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. 2011 Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308179854_ARQUIVO_TrabalhocompletoANPUH2011revisto.pdf

NAÍSA, Letícia. **Os Dois Lados Da Pílula Anticoncepcional**. Site Motherboard. Disponível em: http://motherboard.vice.com/pt_br/read/uso-de-anticoncepcionais?trk_source=recommended

NIKOLCHEV, Alexandra. **A brief history of the birth control pill**. Site da PBS. Disponível em: <http://www.pbs.org/wnet/need-to-know/health/a-brief-history-of-the-birth-control-pill/480/>

NUNES, Brunella. **Pílula anticoncepcional: os grandes perigos escondidos nesses pequenos comprimidos**. Site Hypeness. Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2015/04/pilula-anticoncepcional-os-grandes-perigos-escondidos/>



PROCON-PR. **Propaganda de Medicamentos**. Site do Procon-pr. Disponível em:
<http://www.procon.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=474>

MÉDICOS TIRAM DÚVIDAS SOBRE O USO DA PÍLULA ANTICONCEPCIONAL. Bem Estar, Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 mai. 2013. Programa de TV.

RICHERS, Raimar; ALMEIDA, Eduardo Augusto Buarque de. **O planejamento familiar e o mercado de anticoncepcionais no Brasil**. Revista de Administração de Empresas, v. 15, n. 4, p. 07-21, 1975.

SCOTTI, Luciana. **Eu Leitora: Mexo um só dedo mas virei escritora**. Site da Revista Marie Claire. Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/EuLeitora/noticia/2013/07/eu-leitora-mexo-so-um-dedo-mas-virei-escritora-conta-luciana-schotti.html>

SEGATTO, Cristiane. **Quando a pílula anticoncepcional é a pior escolha**. Site da Revista Época. Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/03/quando-pilula-anticoncepcional-e-pior-escolha.html>

VARELLA, Drauzio. **A Pílula Anticoncepcional**. Site Dr. Drauzio. Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/mulher-2/pilulas-anticoncepcionais/>

VIEIRA, Leila Maria et al. **Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil**. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, p. 135-140, 2006.